



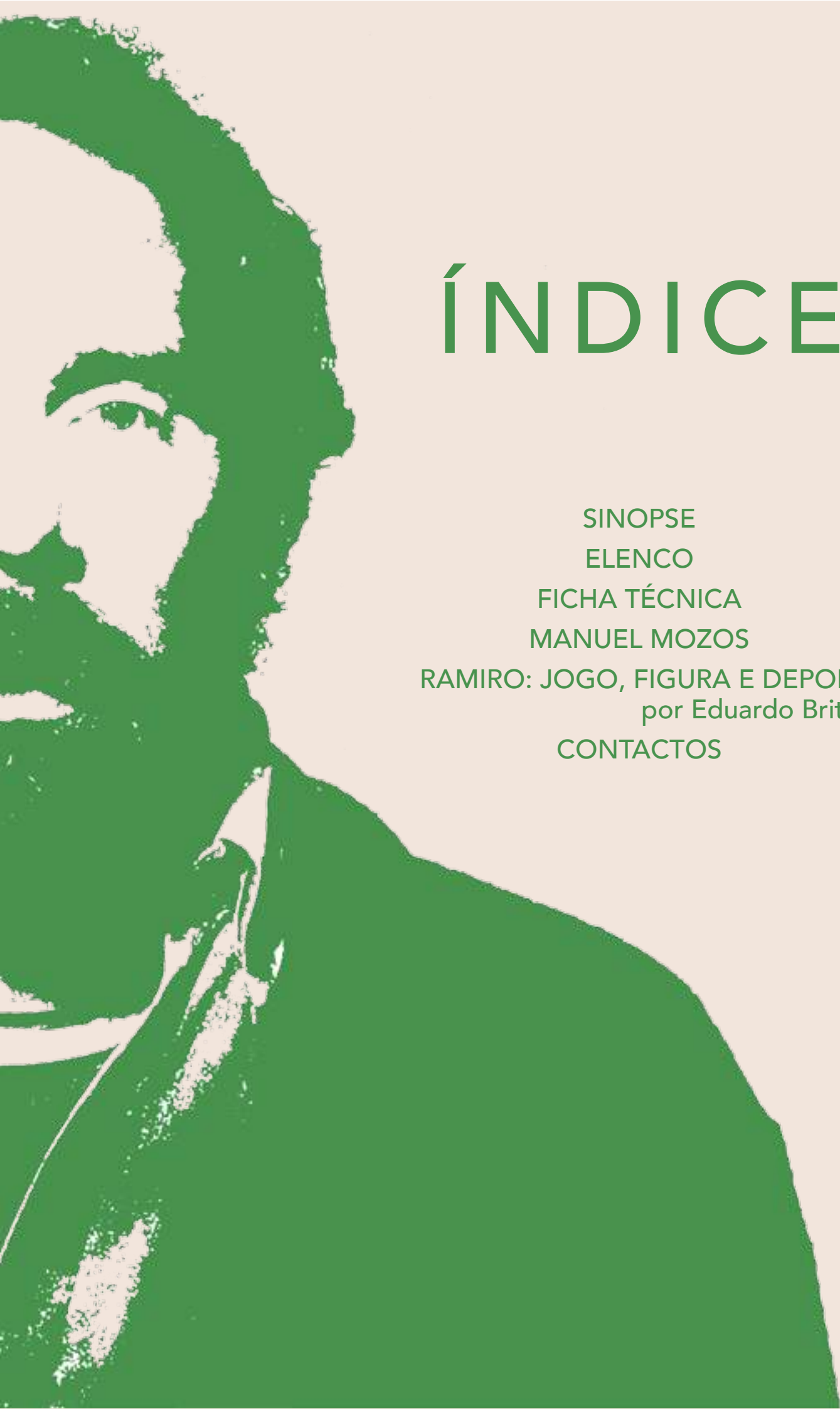
um filme de MANUEL MOZOS

RAMIRO

UMA COMÉDIA DELICADA

com ANTÓNIO MORTÁGUA e MADALENA ALMEIDA





ÍNDICE

SINOPSE

ELENCO

FICHA TÉCNICA

MANUEL MOZOS

RAMIRO: JOGO, FIGURA E DEPOIS
por Eduardo Brito

CONTACTOS



Ramiro é alfarrabista em Lisboa e poeta em perpétuo bloqueio criativo. Vive, algo frustrado, algo conformado, entre a sua loja e a tasca, acompanhado pelo cão, pelos fieis companheiros de copos e pelas vizinhas: uma adolescente grávida e a avó a recuperar de um AVC.

De bom grado continuaria nesse quotidiano pacato e algo anacrónico se eventos dignos da telenovela da noite não invadissem essa bolha.

SINOPSE



ELENCO



ANTÓNIO MORTÁGUA

Nasceu em Coimbra, em 1979, onde frequentou os cursos de Direito e Estudos Artísticos, seguindo-se uma Licenciatura em Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Ainda na Universidade de Coimbra, iniciou-se como actor e teve um programa de autor, semanal, na Rádio.

Desde 2010 trabalha regularmente na Companhia Primeiros Sintomas, onde dirigiu, com Catarina Rosa e Vera Barreto, os espectáculos *Woyzeck* a partir de Georg Büchner; *Retrato* a partir de Pier Paolo Pasolini e *O Fim* a partir de textos originais. Encenou, em co-produção com a Primeiros Sintomas, *Sonata*, a partir d' *A Sonata dos Espectros*, de August Strindberg.

Na Éter - Produções Culturais, sob a direcção de Filomena Oliveira, integra os espectáculos *Vieira - O Sonho do Império* e *Frei Luís de Sousa*.

Em cinema trabalhou com André Santos na curta *Ossos do Ofício*.

ramiro

Alfarrabista, proprietário de uma pequena loja num bairro popular de Lisboa. Ramiro é autor de um livro, já com alguns anos, que na altura da sua edição foi considerado um bom livro. Virou um mini-culto e esgotou. Ramiro tem uns tantos exemplares encaixotados na loja mas não os expõe nem vende. A ideia de escrever um segundo livro é algo que o tortura. Não lhe conhecemos família. Ramiro passa os dias na loja e as noites nos copos. É um inadaptado, acha fúteis os desejos das pessoas comuns, não tem carta de condução, não tem telemóvel, não utiliza a internet. É amigo e encarregado de educação de Daniela.

MADALENA ALMEIDA

Aos 20 anos, a actriz que se estreou em 2015, na novela *Santa Bárbara*, soma já três projectos televisivos (*Santa Bárbara* – TVI, *Amor Maior* – SIC e *A Herdeira* – TVI), várias participações em peças do Teatro Experimental de Cascais e regressará em breve ao palco do Teatro Aberto com a reposição da peça *Toda a Cidade Ardia*. Estudante do terceiro ano na Escola Superior de Teatro e Cinema, tem em *Ramiro* a sua primeira experiência no universo do cinema.

daniela

Estudante do secundário. Boa aluna. A vida não a assusta: está grávida e vive bem com isso. Não conta a ninguém quem é o pai da criança, é assunto dela e assim permanece. É despachada e prática. É espirituosa chegando a revelar uma desenvoltura intelectual superior às raparigas da sua idade. É generosa e meiga (sem ser melosa). Perdeu os pais muito cedo e foi deixada ao cuidado da avó. Actualmente cuida da avó. É amiga de Ramiro e diverte-se com a sua inaptidão para certas coisas da vida.





FERNANDA NEVES

Depois do liceu, formou-se em desenho e pintura na ESBAL e no ARCO.

Fundou a cooperativa de artes plásticas SPES com Manuel Costa Cabral e Nuno Teotónio Pereira.

Tem formação teatral pelo Conservatório Nacional de Lisboa, Curso de Actores da Comuna e Théâtre du Soleil, Paris.

Estreou-se como profissional na Comuna Teatro de Pesquisa.

Fundou o Teatro do Mundo com Manuela de Freitas, José Mário Branco e Jean Pierre Tailhade.

Integrou os elencos de A Comuna, ACARTE, Teatro do Mundo, Théâtre de L'Éclat, Teatro da Garagem, KARNART e Teatro Rápido.

É autora das adaptações teatrais de *A Margem da Alegria* de Ruy Belo, *O Silêncio* de Teolinda Gersão, *Dom Carlos* de Teixeira de Pascoaes.

Trabalhou em Teatro Radiofónico, dobragens, televisão e cinema.

dona amélia

Enviuvou cedo. Criou a neta. É a referência da Daniela. Tem um filho, pai da Daniela. Sofre de uma afasia, resultante de um AVC, que lhe dificulta a expressão oral. Apesar da debilidade, é uma idosa bem disposta. É viciada em tabaco e fuma às escondidas de Daniela. É uma personagem misteriosa. Não chegamos a perceber se as suas acções resultam da sua condição clínica ou de uma qualquer intenção insondável.

VÍTOR CORREIA

Tem o curso do Centro Dramático de Évora. Estreou-se profissionalmente em *A Noite Italiana* de Ödon von Horvath tendo depois participado em vários espectáculos do Centro Dramático de Évora, do Teatro das Beiras e do Centro Dramático do Algarve com direcção de Luís Varela, Isabel Bilou, Gil Salgueiro Nave, José Meireles, Domingos Semedo, José Leitão. Dirigiu em 1999 o projecto *Multi-Poesia* estreado no Festival da Covilhã.



alfredo, pai da daniela

Foi pai aos 19 e matou a mulher (mãe de Daniela) aos 21. Cumpre uma pena de 17 anos (dos quais já passaram 14). Tem a cara marcada pelas agruras da vida. É insondável e misterioso. Dedicar-se à carpintaria.



patrícia

Está apaixonada por Ramiro. Faz parte do mini grupo de amigos dele. É engenheira do LNEC e está envolvida no processo de construção de uma ponte. É simpática e faladora. Feminina e prática.

SOFIA MARQUES

Actriz e realizadora, tem curso de formação de actores da Escola Profissional de Teatro de Cascais. Trabalha com o Teatro da Cornucópia desde 1996, colaborando também noutros projectos e companhias. No cinema trabalhou com realizadores como Jean Claude Biette, João César Monteiro, Raquel Freire, João Botelho, Christine Laurent, Jacinto Lucas Pires. Em televisão participou em várias séries de ficção. É fundadora da Associação Cultural e Artística Sul.

Realizou os documentários: *Vê-los assim tão pertinho* (2010), *8816 versos* (2013) e *Ilusão* (2014).

AMÉRICO SILVA

Trabalha sobretudo no teatro e no cinema. Formou-se no Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral e na Escola Superior de Teatro e Cinema. Estreou-se nos palcos da Sociedade Guilherme Cossoul em *A Morte no Bairro*, de Alfonso Sastre. Colaborador dos Artistas Unidos desde 1996, já participou nas peças *Comemoração*, *Gata em Telhado de Zinco Quente*, *Um Homem Falido*, entre outras. No grande ecrã destaca-se a sua participação na trilogia *As Mil e Uma Noites* (2015) do realizador Miguel Gomes.

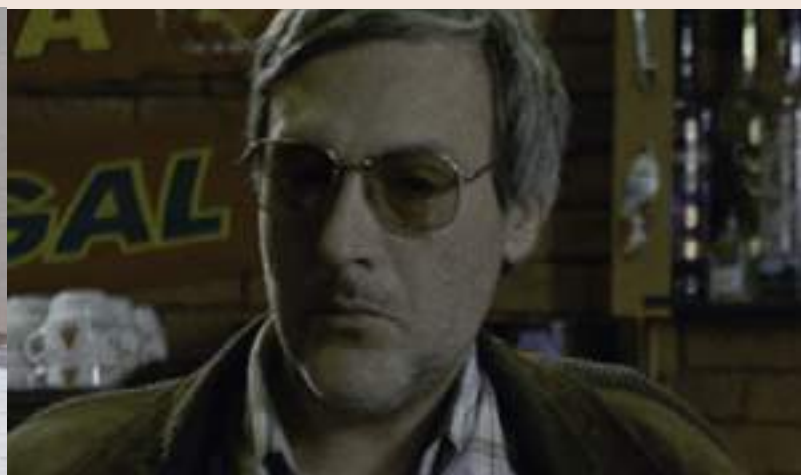


josé

Passa os dias na loja de Ramiro, supostamente ajuda na organização dos livros. Ramiro não lhe presta muita atenção. Pergunta frequentemente o preço dos livros, mas nunca compra nenhum. É um espectador passivo do que se passa na loja.



DUARTE GUIMARÃES
saavedra



RICARDO AIBÉO
fernando



JOÃO TEMPERA
marcos



ANTÓNIO SIMÃO
vicente



CRISTINA CARVALHAL
isabel



SARA CARINHAS
mariana



JOÃO PEDRO BÉNARD
professor

realizado por MANUEL MOZOS
argumento MARIANA RICARDO, TELMO CHURRO
fotografia JOÃO RIBEIRO
assistente de realização BRUNO LOURENÇO
anotação TELMO CHURRO
som MIGUEL MARTINS
direcção artística ARTUR PINHEIRO
guarda-roupa LUCHA D'OREY
caracterização RITA CASTRO
montagem PEDRO FILIPE MARQUES
direcção de produção EMÍDIO MIGUEL
produtores LUÍS URBANO, SANDRO AGUILAR

Cor | 104' | DCP
© O SOM E A FÚRIA 2017

FICHA TÉCNICA

MANUEL MOZOS

Manuel Mozos, nasceu em Lisboa em 1959. Terminou o curso de Cinema em 1984, no Antigo Conservatório Nacional (atual Escola Superior de Teatro e Cinema). Trabalhou como montador, argumentista e assistente de realização com vários realizadores portugueses.

Colabora assiduamente com publicações, escolas, institutos, universidades, associações culturais e de cinema, cineclubes e festivais. Desde 2002 trabalha no A.N.I.M. - Cinemateca Portuguesa, na área de identificação, preservação e restauro de cópias em película.

Como realizador, fez o seu primeiro filme, UM PASSO, OUTRO PASSO, E DEPOIS (1989), vencedor do prémio de Melhor Filme Estrangeiro em Entrevues, Festival Internacional de Cinema de Belfort em 1990. Desde então, realizou mais de vinte filmes, entre ficção e documentário, curtas e longas-metragens entre os quais se destacam as longas-metragens QUANDO TROVEJA (1999), XAVIER (2002) e "4 COPAS" (2008), bem como os documentários LISBOA NO CINEMA (1994), CINEMA PORTUGUÊS? - DIÁLOGOS COM JOÃO BÉNARD DA COSTA (1996) e RUÍNAS (2009) que recebeu vários prémios em festivais de cinema como no O FID Marseille e no IndieLisboa.

Em 2014, realizou o documentário, JOÃO BÉNARD DA COSTA - OUTROS AMARÃO AS COISAS QUE EU AMEI, e o seu mais recente trabalho, é a a longa-metragem de ficção RAMIRO.



RAMIRO:
JOGO, FIGURA
E DEPOIS

por EDUARDO BRITO

PARTIDA E QUEDA.

Começemos com a seguinte proposição: o cinema é um jogo. Cada filme traz consigo um conjunto de regras, com maior ou menor formalismo, maior ou menor interioridade. Dentro destas linhas, todo um conjunto (um jogo) de ilusões (de jogos) opera (joga). Será talvez por esta lógica de entendimento - que sabemos não excluir nenhuma de todas as outras possíveis - que cada cinema contém, digamos

o jogo de Ramiro perspectiva-se na subtileza

assim, algo que o aproxima da magia, entendendo por esta o processo de transformação de uma coisa noutra, como no feixe de luz que transporta a imagem gravada para a sua projecção.

Num plano geral, o jogo de Ramiro perspectiva-se na subtileza, em subtilezas: este é um filme que se apreende como uma linha de uma circunferência longa, composta por um arco de ângulo muito aberto: a curvatura da linha existe, está longe e a sua percepção requer vagar.

Fosse então a velocidade uma regra e dir-se-ia que Ramiro é um filme sobre um escritor livreiro que se depara com várias *bloqueios* – na escrita, nas relações, nos próprios negócios, na sua mais ou menos difícil adaptação ao tempo presente. Não que a velocidade seja uma desvantagem: Ramiro pode ser, de facto, tudo isso. Porém, esta mesma lentidão é o ritmo que nos permite chegar ao plano de pormenor e, daí, a uma deriva por outros terrenos: assim acontece na percepção de que os personagens começam o filme em queda. Não uma queda brusca, acentuada e vertical, antes porém lenta e discreta, como água mole, como a curva aberta.

Ramiro (António Mortágua), por exemplo, depara-se com as agruras de a um reconhecido talento como escritor não corresponder a criação. Patrícia (Sofia Marques) com a não correspondência afectiva (também denominada *singularidade*) de Ramiro. A Avó (Fernanda Neves) com parafasia, e Daniela (Madalena Almeida), a neta, com uma gravidez juvenil e o seu pai biológico (Vitor Correia) na prisão. Processos que se traduzem numa dureza que existe, mas que o é em contenção, sem agressividade ou brusquidão, discreta e persistente como um som grave horizontal que corre desde o princípio sob uma falsa inaudibilidade. Nada mais se sabe: entramos num jogo sem início, chegamos ao filme com a certeza de que algo que não temos que compreender absolutamente já vem de trás, de que alguma coisa já começou ainda que nada tenhamos perdido – uma *ignorância* que logo nos vai afastar da tirania dos julgamentos (por outras palavras, dos porquês das coisas). E, a partir daqui, o jogo opera a sua lógica, accionando os fluxos do acaso que nos transportam história fora.

[...] numa dureza
que existe, mas que
o é em contenção,
sem agressividade ou
brusquidão, discreta e
persistente

FIGURAS E ESPAÇOS

Característica de Manuel Mozos, as personagens, habitantes ou passageiros dos seus territórios, *acontecem* numa marginália também ela grácil, longe de qualquer extremo acentuado entre bons e maus, heróis e vilões. Não há em Ramiro - como não há em Xavier (2002) – uma codificação, uma simbologia que nos permite uma apreensão automática do papel de cada um no filme. Não só das personagens principais (curiosidade: ambas dão título aos filmes, sem que lhes retirem espaço para outras presenças), mas também de todos os que lhes estão à volta.

Esta recusa de tipificação (por outras palavras, esta recusa de uma estereotipia) singulariza o cinema de Mozos, um cinema distante da rapidez e das polaridades, dos juízos e dos rótulos: estratégias de recurso frequente para uma linguagem

uma profunda capacidade
de saber contar, de saber
jogar, de saber depurar o
pormenor

que, por existir com tempo certo, convencionou ter que contar *depressa* (um desafio a este propósito: entender o tempo e o modo como compreendemos que Ramiro não tem carta de condução). Por isso, as figuras filmadas por Mozos, e

escritas, neste caso, por Telmo Churro e Mariana Ricardo, são densas, complexas e inconstantes, sem que a tais predicados corresponda o peso das categorias. Aqui reside outra subtilidade do jogo: compreendê-las sem ajuizar, aceitá-las na sua passagem pelo mundo filmado, não necessariamente boas ou más, felizes ou tristes. É desta forma que lhes somos próximos, é por isso que permanecem connosco depois dos créditos. A começar no exemplo de Ramiro: assume a paternidade adoptiva de Daniela, numa ternura que tem tanto de infinita como de contida; ampara a Avó, mas perturba-se com a sua limitação; liga-se a Patrícia mas atrapalha-se no conforto que lhe consegue dar. É um escritor de culto que, quando supera o bloqueio criativo, perde o manuscrito numa noite de copos.

Através deste paradigma, manobrado por Mozos dentro das próprias figuras e da sua psicologia, vamos lentamente dando conta de estarmos num processo de maravilhamento por uma ideia de normalidade, cativados numa história comum, sem sobressaltos ou picos de euforia, ainda que eles lá estejam todos em potência – e sabendo nós que o difícil, no processo, é resistir à tentação das explosões. Ora, este *princípio da maravilha*, quando praticado num jogo destes, implica não só a já referida subtilidade, mas também uma profunda capacidade de saber contar, de saber jogar, de saber depurar o pormenor, da escrita à filmagem, da iluminação à montagem. E Ramiro é, nesse aspecto, um manifesto no qual os acasos das histórias se contrapõem ao rigor e ao critério de tudo o que, sob a ilusão do acessório, gira em seu redor. Três pequenos exemplos, (apenas em torno dos livros, perante a impossibilidade *atlântica* de uma completa taxonomia de detalhes preciosos): o programa de televisão “Os Livros em Volta”, numa alusão a Herberto Helder, o corte que daí nos leva para uma sala onde Ramiro, de facto, está com livros em volta e, mais tarde, quando o filme volta àquele espaço, lá vemos, discreto, o Som e a Fúria de William Faulkner.



E depois, o espaço onde as histórias acontecem, sempre com o fascínio de Mozos pela noite (Ramiro é também um *nocturno*) e pelas demarcações: a cidade, já não a expandir-se, como no passeio pela Ameixoeira em Xavier – vénia à deriva de Ilda e Júlio no Parque da Bela Vista em *Verdes Anos* (Paulo Rocha, 1963) – mas sim a transformar-se noutra coisa no seu centro e na sua própria ruína nas margens: quando Ramiro vai à Quinta da Torre, vai a um local de *crime hediondo*, uma margem híbrida entre o edificado e o abandonado, um lugar onde está assustado. E a cidade já não é também tão óbvia nos lugares – é Lisboa, certo, mas poderia ser qualquer *Algures, Portugal* (salvo uma ou outra identificável excepção e a característica alvura).

a cidade já não é
também tão óbvia
nos lugares

INTERVALO (espelhos)

A ideia remonta a 2009. Os argumentistas Telmo Churro e Mariana Ricardo aproximam-se de Mozos com a história de Ramiro. Entre debates e acertos, Ramiro fixa-se em argumento e torna-se cinema. Poder-se-ia começar pelo título e, convocando a regra da velocidade, dizer que de imediato se apreende que o que aí vem decorrerá à volta da personagem. Porém, logo que o filme começa e os tempos (o da obra e o do cinema) desaceleram, Ramiro é já mais que ele próprio. De certa forma, é um reflexo de Manuel Mozos, escrito por Churro e Ricardo e filmado pelo homem atrás

[...] resistência a um exagero reactivo face ao que nos incomoda

do espelho: Mozos ele mesmo. E é-o em expressões coloquiais (o humor discreto, porém incisivo), na resistência a um exagero reactivo face ao que nos incomoda (a suave adaptação de

Ramiro à Casa de Tapas, a não dramatização da perda do manuscrito), na resistência a uma ideia de sobrevivência pela tecnologia (o desuso de aparelhos e o uso de cadernos). Afinal, Ramiro é um filme, é o seu realizador, a sua personagem e, claro, um jogo. Ou não fosse um Jean-Luc Godard quem aparece a Ramiro no mercado do livro, mesmo em frente a um exemplar de *Bande à Part*, escrito por Jacques Perret.



O DEPOIS É ONTEM

Retomando: Ramiro é um filme no qual o espectador frui a ilusão de um nada-acontecer (porque associada à curva longa, porque parte de um jogo). Nesta altura, estamos já no plano de um outro tempo; e a história, como que por magia, está a acontecer. E este plano de outra temporalidade não se fixa apenas no já referido tempo lento (onde, senão no cinema, há tempo para remendar um sofá com fita adesiva?), mas também, na compreensão de um tempo *antigo*, não necessariamente velho ou

ultrapassado, mas apenas distante da velocidade das tecnologias, da actualidade dos espaços. E esta ideia de *low-tech* que se contrapõe à vertigem das actualizações e do modelo último, é tudo menos uma desvantagem: em Ramiro, não há internet e o filme é dos dias de hoje.

Em Ramiro, o papel volta para a frente do digital – assim, por exemplo, com o ensaio perdido da personagem, com os livros, com gráfica que imprime – e não há actualidade que se perca. A descaracterização do tempo torna Ramiro numa obra sem tempo – o que, como sabemos, a mantém no *presente*, desligada do epifenómeno da datação. Mas em Ramiro há também um outro tempo, o tempo passado que se projecta e funciona no tempo de hoje: há a música dos Heróis do Mar, a máquina de bolas-surpresa, o microfilme, a telenovela que se vê à noite numa televisão de cinescópio, a escola com mapas antigos, as aulas em salas anteriores à reforma do parque escolar, as pessoas que escrevem coisas em papéis e procuram livros: estamos já num plano de resistência, de uma resistência que, pela presença de um hoje onde as histórias acontecem e interessam, se afasta radicalmente de um simples exercício de nostalgia. Por outras palavras, voltamos a olhar para o que já fomos, voltamos a ser outra vez: existimos para além dos aparelhos.

voltamos a olhar para o
que já fomos, voltamos a
ser outra vez

E POR FIM, A BALADA.

Ramiro é assim uma balada à qual chegamos quando tudo parece estar em queda. Porém, com o devido tempo e na devida contenção, o caminho que fazemos

Mozos, com a delicadeza
inerente à melancolia,
faz de Ramiro um elogio
de um quotidiano no qual
euforia e tristeza confluem
numa espera

pelo filme vai-se desprendendo do triste, numa aceitação de que chegarão dias melhores. Mozos, com a delicadeza inerente à melancolia, faz de Ramiro um elogio de um quotidiano no qual euforia e tristeza confluem numa espera, numa espera onde gostamos de nos rever, onde

gostamos de estar, contra toda a probabilidade dos dias em que vivemos. Com Ramiro há ainda lugar para um cinema (para um jogo, portanto) delicado no tempo e no modo, subtil na esperança com que se fecha.

O autor agradece a Manuel Mozos e a João Rosmaninho as contribuições para a escrita deste texto.

produção O SOM E A FÚRIA
geral@osomeafuria.com
+351 213 582 518

distribuição ALAMBIQUE
geral@alambique.pt
+351 213 465 238

CONTACTOS